

DÉBORA DA SILVA SOUSA

MEMORIAL

Novembro

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

Débora da Silva Sousa

Memorial apresentado à
disciplina **Prática de Ensino de
História na Escola de 1º e 2º
Graus** do Curso de História da
Universidade Federal de
Campina Grande. Docente
responsável: ~~Nilda Câmara~~

Enonils Câmara de Azevedo

Campina Grande

2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

MEMORIAL

Produzir, o historiador, uma escrita de si próprio pode não ser uma tarefa fácil. Sobretudo para este que está habituado a escrever sobre o outro, o outro sempre recorrente nos nossos escritos, o outro que pode ter privilegiada a sua trajetória de vida, a sua história enquanto indivíduo produtor de memória, permitida no recolhimento de fontes. Uma prática já não mais estranha no exercício cotidiano do historiador que escreve biografias, conforme Ângela de Castro Gomes.

Nem sempre é fácil invertamos os papéis. Ao produzirmos uma escrita de si mesmo, saímos desse lugar, de meros expectadores e narradores das histórias dos outros e tornamo-nos, assim, ao mesmo tempo, objeto de pesquisa, fonte e pesquisador. Porque na maioria das vezes não fazemos parte do estudado, pelo menos em matéria de objeto, embora presentes com nossas escolhas, com nossas subjetividades.

Tarefa difícil, difícil porque requer o imbricamento dos papéis de historiador e objeto de estudo da história. Se não fosse historiadora, acredito que seria mais fácil falar de mim mesma. Mesmo que a dificuldade só está aí, em termos digamos técnicos, incluindo a memória que também pode comprometer alguns eventos, apresentar falhas, borrões, mas isso nos é comum. Esforçar-me-ei para lembrar momentos tão bons, que se sobressaíram aos ruins, embora estes não sejam menos importantes, porém é bom dizer que os felizes predominaram nesta narrativa de si.

Pois bem, me chamo Débora. Nasci em Campina Grande, em 1986. Sou filha primogênita, tendo apenas uma irmã. Infelizmente, hoje sou filha única, devido à morte precoce da minha querida irmã, Laís, em 2001, deixando-me como única filha de meu pai Amarildo, e de minha mãe, Zuleide. Meu pai é também natural de Campina Grande. Já minha mãe tem proveniência de Malta, cidade situada no sertão da Paraíba. Residimos na presente cidade de Campina Grande, na qual meu pai exerce a profissão de pintor (ônibus, carros, etc) e minha mãe de empregada doméstica. Posso dizer que temos uma situação financeira confortável. Até o momento custeiam minha educação, pois ainda não trabalho.

Antes de meu ingresso na academia, estudei até a 1ª série do fundamental 1 em escola privada, denominada Santa Bernadete. O restante de minha educação sendo na rede pública de ensino. Quando rememoro essa fase, lembro-a com felicidade, visto que, todo o meu fundamental 1 foi de excelente qualidade, assim marcando minha vida, pelos laços que foram estreitados para com a diretora da escola Professor Míron, dona Iguauria e para com as professores e os amigos. Recebi uma excelente educação, carinho e dedicação de pessoas que, ainda, hoje me fazem lembrar com satisfação os momentos passados nessa fase.

O fundamental 2, cursado no Monte Carmelo, o considero também importante por ter sido nela, mais especificamente na 5ª série, meu primeiro contato com a história, disciplina que, aliás, me apaixonei. Acredito que em decorrência da maravilhosa professora que tive e tantos outros docentes assim qualificados, os quais passaram no decorrer da minha formação, inclusive os do ensino médio cursado no “Estadual da Prata”.

Escolher o curso... História. Na primeira vez que fiz vestibular coloquei o curso por não ter outra opção, apesar de gostar muito da disciplina. Não passei por ausência de preparação. Da segunda vez, foi por certeza, por amor, por identificação como nos diria Stuart Hall. Não me via passando quatro anos da minha vida estudando outra coisa. Preparei-me e passei. Esperei quase um ano para estudar, lembro-me que passei na UEPB, para pedagogia. Quando saiu o resultado da UFCG, só fui lá para cancelar a matrícula. Nunca conheci minha turma, acho que não me arrependo, não apresentava interesse para com esta formação.

As aulas na UFCG para o período 2007.2 iniciaram-se no dia 15 de outubro de 2007, só que fiquei doente, acredito ter sido nervosismo, afinal estava entrando num mundo que me foi descrito e apresentado como competitivo, de pessoas falsas, que só eram suas amigas por conveniência. Assim era a universidade segundo as narrativas das minhas primas. Já vim conformada e preparada para a competição, para a ausência de amizades e qualquer sentimento de companheirismo. E, claro, atenta para não me tornar mais uma atéia a compor o grupo de historiadores. Enfim, com essas primeiras impressões e concepções pré-concebidas fui para a aula no dia 17.

Senti-me um pouco estranha, assim que entrei a sala estava composta

daquelas pessoas que jamais cogitei que fossem se tornar queridos amigos. Era aula da disciplina de *História Antiga Oriental*, lembro que o professor, Fabiano Mello, estava perguntando algumas coisas referentes às representações ocidentais do oriente, tendo como exemplo o filme Alexandre o Grande. Sei que naquele dia as pessoas já estavam se enturmando. Nesse mesmo dia, comecei a conversar com umas das pessoas que veio à se tornar umas das minhas melhores amigas. Em poucos dias Ana Cláudia e eu parecíamos amigas de longas datas. O professor Antônio Clarindo até brincava com conosco por isso.

Falando nele, na segunda semana tivemos as aulas de *Pré-História*, quando o conhecemos e eu pessoalmente tive a sorte de ter tido a oportunidade de estudar com um professor que me serviu de espelho e, ainda, continua a ser um dos meus modelos de profissional, professor e historiador. Didático, extremante organizado e competente, com suas aulas passei até a gostar de um assunto que a princípio odiava. A relação da nossa turma para com ele desde o início foi harmoniosa, é tanto que até hoje nos relacionamos muito bem com o mesmo, sendo orientador de muitos de meus colegas, inclusive me orientava também até pouco tempo, há um atrás, mais precisamente no período de 2010.1. Os motivos de mudança você saberá adiante.

Pois bem, foi por meio de sua disciplina que pude, também, estreitar os laços de amizade para com as minhas melhores amigas do curso. Amigas que me ensinaram o quanto a amizade, o companheirismo, tornam o perpassar de uma formação profissional bem mais feliz, bem mais satisfatória. Aliás, nossa turma em especial, pelas pessoas que a compõem, tornou cada um dos dias, no decorrer deste curso, felizes e motivadores, posso dizer ter sido uma das melhores experiências da minha vida até então. Nunca cogitei passar por etapa da vida desse modo, tão feliz.

O referente professor, ao propor um seminário sobre um tema a nossa escolha, permitiu-me aproximar-se de Aniqueli, minha amiga de Taquaritinga do Norte, pernambucana, corajosa que todos os dias atravessar a fronteira para estudar; Idarliane, outra personificação do esforço e da coragem, trabalhando o dia todo e apesar de todo cansaço está assídua nas aulas e Izabelle, de Taperoá, que logo de início não era tão próxima por fazer outro

curso, mas que no decorrer do tempo também se tornou uma das minhas melhores amigas, companheira, dedicada e, claro, a já mencionada Ana Cláudia. Assim, formamos o quinteto inseparável, presente e organizado em 90% dos trabalhos em grupo e para além destes, já que mesmo as atividades sendo individuais foram feitas no compartilhar com elas. Um laço de amizade que espero ser duradouro.

Ainda no mesmo período, fui apresentada à história, conhecendo sua origem e o trabalho desempenhado pelo historiador, ofício que até então em minha concepção não envolvia tanta complexidade de leitura teórica no lidar com os documentos, resumindo-se, apenas, a análise de papéis. A representação das fontes de uma forma bem positivista, de documento enquanto texto oficial. Além do que, desconhecia da gama de objetos possíveis de serem estudados pela história, em meu conhecimento está restringia-se aos aspectos econômicos, políticos da sociedade, seus respectivos eventos e datas.

Nas aulas de Gervácio Aranha, de *Introdução ao Estudo da História* pude ser elucidada a respeito do quão é rica e diversificada em temas à história, nas variadas fontes, objetos de estudo e formas teóricas de pensar, que auxiliam e torna complexa o campo da história. A perceber a beleza e importância desse ofício, o de tentar resgatar, tornar vivo o que está morto e por meio desta “recuperação” compreender o que vivenciamos.

Por ser uma disciplina teórica, difícil, principalmente por estarmos leigos quanto à história, pois o que lemos em livros didáticos não nos apresenta a longa prática do historiador, do pesquisar, do ler, do escrever. Diante da dificuldade de entender os textos e as falas do professor, pensei em desistir do curso, essa sendo a única vez que pensei tal absurdo. Até hoje não me esqueço dos textos, *As lágrimas de Tucídides*, *A escola dos Annales*, *Documento/Monumento*, *o Massacre dos Gatos* e por aí vai, textos que me foram fundamentais no compreender da trajetória de nosso campo, apesar da inicial dificuldade em compreendê-los.

Lembro-me ainda, nessa fase de familiarização, nesse primeiro período de curso, das aulas de José Octávio Aguiar na disciplina de *História Antiga Oriental*, quando em substituição do professor Fabiano Mello nos fez aprender,

sobretudo, acerca do oriente distante, China, Japão e Índia. Isso decorrendo até as outras duas disciplinas seguintes por ele ministradas, *Medieval e Moderna Oriental*. Reconheço suas contribuições, pois aprendemos muito sobre essas sociedades e suas culturas, a olhá-las de maneira desmistificada de preconceitos, de opiniões e percepções negativas.

No mesmo período, tive as aulas maravilhosas de *Geografia Humana* com o professor Lincon, cujos textos a respeito dos fundadores desse ramo de saber até hoje me auxiliam nos estudos, tais como La Blache, Ratzel, etc. No período seguinte, no cursar dessas disciplinas interdisciplinares destaque, ainda, as aulas de Adeilson, em *Introdução a Antropologia*, pois além de um ótimo professor, suas aulas me permitiram conhecer a antropologia e seus possíveis auxílios quanto ao articular de seus conhecimentos, seus conceitos nos estudos em história, assim como suas contribuições para com a ampliação desse campo.

Marcante, igualmente, as poucas aulas de Marinalva Villar em *História Antiga Ocidental*, poucas porque ela estava a se ausentar para fazer seu o pós doutorado. Disciplina a qual sofremos lendo Heródoto, Tucídides, Tito Lívio, porém um sofrimento, aqui enfatizo, apenas pela carga excessiva de leituras, que foi atenuado pelo companheirismo por ser parte de uma turma que sempre teve o diálogo como prática recorrente das partes que a compõem, estando em nossas conversas inclusas os conteúdos estudados.

Ainda no cursar dessa disciplina, substituída por Antônio Clarindo, apresentei junto às amigas citadas um seminário sobre Sexualidade em Roma. Lembro-me que todos se divertiram muito, riram pelo próprio tema e pela entrega de chaveiros na forma de falos em miniatura. No término desse período, Clarindo organizou uma confraternização em sua residência, na qual fomos em boa parte, além de mim, e das meninas mencionadas, exceto Idarlíane e Isabelle: Ítalo, Pedro, Janderlan, Leonardo, Eduardo, João, Eliana, Patrícia, Erika, Janaina, Priscila, Silvonete, Vinicius, Susane, Elisabeth. Realmente tínhamos e temos uma amizade bastante estreita para com esse professor. Isto porque, eu, somada a Aniqueli, Ana Claudia, Vanilma, Erika, Janaina, Elisabeth, Isabelle e Pedro, fizemos parte de seu Grupo de *Estudos Teoria e Metodologia em História*.

Durante os dois anos de funcionamento, de 2009 á 2010, efetuamos

leituras que só vierem a contribuir em meu conhecimento, na escolha do tema para a futura monografia e a amenizar as dificuldades em teoria. Textos de Thompson, Peter Burk, Ginzburg, Jurandir Freire Costa, Roger Chartier, dentro outros, discutidos, apresentados, apresentações estas que resultaram num CD que objetiva informar o leitor acerca do que tratam esses e outros escritos por nós analisados.

Dentre essas atividades, o professor ainda nos propôs escolher um tema para ser pesquisado e desenvolvido como possibilidade monográfica. Tendo como suporte estas e demais leituras realizadas no grupo, optei por analisar a recepção do divórcio em Campina Grande, no decorrer das décadas de 1978-1985, com ênfase aos papéis de gênero contidos nos primeiros processos de divórcio requeridos em nossa cidade. Está pesquisa foi mantida até 2010, quando mudei de tema.

Da mesma forma, nos terceiro e quarto períodos, considero marcantes as disciplinas ministradas por Michely Cordão, *História Medieval e Moderna Ocidental*, pelo excelente aprendizado, nas aulas e debates sobre Santo Agostinho, Le Goff, Duby, os textos sobre Luiz XIV, Maquiavel, etc. Leituras que me ajudaram no cursar da disciplina de História do Pensamento Político e Social Geral ministrada, também, por Antônio Clarindo. Aulas bem dinâmicas, extrovertidas, junto a Michely e as monitoras, Rose e Lauricéia, consecutivamente. Na mesma época e para além, estendendo-se a outros períodos, destaco, ainda, as disciplinas de Benjamim, História Econômica do Brasil, Pensamento Político e Social do Brasil e Brasil IV. Ríamos muito nas aulas, o professor sempre trazendo algo novo para além dos textos, desses o mais marcante quanto ao conteúdo e seu uso até hoje por mim, inclusive na produção da monografia, o livro *Espectáculo das Raças*, de Lilian Moritz.

E as aulas de Juciene Ricarte. O que falar dessa docente tão próxima aos alunos, tão amigável, de fácil apego. As disciplinas de *História Econômica Geral, Brasil I e Paleografia*, textos ótimos, sobretudo relacionados ao período colonial, os quais aprendi muito sobre os nossos indígenas, o funcionamento da administração portuguesa, o cotidiano, no acesso a documentações produzidas na época, nas transcrições documentais, o que, aliás, deu muito trabalho, mais do mesmo modo me auxiliou e continua a auxiliar no processo de lidar com as fontes.

Também no mesmo período, cursei a disciplina de *Teoria da História*, experiência que pessoalmente foi extremamente frustrante. Não digo pelo professor, mas pelos monitores. No período de 2009.1, esta disciplina, pela sua complexidade, adquiriu um estagiário a mais, proveniente do mestrado. Ao contrário do que poderia imaginar ao invés de uma pessoa voltada e acessível a ajudar-nos, eu e minha turma nos deparamos com um sujeito prepotente, inacessível e, portanto, alheio as nossas dificuldades, despreocupado com as nossas deficiências.

A somar, o outro monitor agia da mesma forma, tendo o auge para meu descontentamento quando da realização de uma prova, o mesmo chegou atrasado propositalmente e não nos permitiu falar com o professor para a possibilidade de adiamento da prova. Além do que, nos ameaçou a ser retirada as notas dos fichamentos caso não fizessemos a prova. No decorrer desta, ainda teve a audácia de colocar um DVD de música em sala, sob a ameaça de que a prova duraria o tempo que aquele passasse. Uma demonstração da falta de respeito, de educação, ética e compromisso para com os pares acadêmicos, assim como para o próprio regulamento do Programa de Monitoria. Regulamento este que não lhe dava nenhuma legitimação para exercer tais práticas repugnantes.

Tal acontecimento, apesar de chegado ao conhecimento da coordenação do curso e do professor titular da disciplina, lamentavelmente, resumiu-se a um mero pedido de desculpas do monitor sem que houvesse qualquer punição a seu ato. Diante disso, lembro com pesar o cursar desta disciplina. Uma das mais importantes em nossa formação. Não estou retirando o mérito do professor Gervácio, sobretudo, seu vasto conhecimento, notório por todos. Acredito que outras oportunidades me permitirão ter acesso ao seu rico saber.

Mas se me deparei com situações que merecem ser esquecidas, as de mérito de lembranças e memórias se sobressaíram. Pude no transcurso da metade para o fim do curso ter acesso a ótimos professores e monitores. A respeito, o Professor Celso, com suas aulas dinâmicas e didáticas, seus excelentes textos, Todorov... Leituras, documentários, análises de filmes e livros, maravilhosas atividades que me fizeram compreender a história da América de um jeito surpreendente. Foi triste ter que abandoná-lo após três

períodos juntos cursando *América I, II e III*. Realizamos no fim de *América III* uma festa para ele, uma forma de agradecê-lo pelo bom trabalho que desempenhou conosco.

A professora Regina Coelle, na disciplina de *Contemporânea III*, pelas discussões marcantes acerca de identidade, por intermédio de análises de Todorov, Hall, Bauman. Rememoro, ainda, com satisfação, de alguns monitores e monitoras do mestrado, estagiários como Ivone, Inairan. Outros da própria graduação como Glaúcia, Amanda, que em muito nos auxiliaram nesta fase final do curso.

Do mesmo modo o professor Iranilson Buriti. Como foi bom pagar as disciplinas de Brasil III e Historiografia Brasileira com este docente, que além de competente naquilo que faz, é extremamente humano, companheiro, amigo e afetuoso. Semelhante a Clarindo, é outro professor que estreitou os laços para com a nossa turma, a outra parte dela sendo orientada por ele, a contar eu. Semelhantemente, no final do período 2010.2, o mesmo organizou uma confraternização em sua residência, um momento extremamente feliz.

Aproximei-me de Iranilson quando cursei a disciplina de *Brasil III*. Um encontro que considero extremamente marcante e feliz. Antes de tudo, porque me apaixonei pelos conteúdos trabalhados por ele, sobretudo os de ênfase aos aspectos relacionados à higienização, tendo-se em vista que o referido docente dialoga com o campo da *História da Saúde e da Doença* e com seu subcampo da *História das Práticas e Discursos Médicos*. Sempre quis pesquisar algo relacionado à medicina, porém até então não havia tido a oportunidade de conhecer um pesquisador especialista nessa temática.

A oportunidade veio quando o professor abriu seleção para o Pibic, visando analisar as aproximações entre os discursos médico-higienistas e a escola, na Paraíba, no transcurso das décadas de 1919-1945. Fiz a seleção junto com mais quatro amigos de turma, Leonardo, Pedro, Maxsuel e Regina. Mesmo tratando-se de seleção foi um momento de alegria, pois independentemente de quem ficasse com a vaga, tinha certeza que pessoas mais competentes não haveriam de ocupá-la. Iranilson nos propôs como critérios avaliativos um artigo e uma entrevista. Fizemos, ficando Leonardo no projeto e eu em segundo lugar.

Na época era monitora de Michely na disciplina de *Medieval Ocidental*, outra experiência que só veio a somar na minha formação acadêmica, no reler de textos, no melhorar da minha escrita, no falar, no me socializar com outras pessoas de outros períodos. Não esquecendo, claro, dos contributos quanto à postura na docência, pois dei algumas aulas em sala, outras de reforço, apliquei algumas provas, tudo sob orientação de Michely, procedimentos e práticas comuns ao cotidiano da docência.

Essa prática, no entanto teve que ser retirada de meu cotidiano acadêmico quando fui surpreendida por Iranilson acerca da aprovação de outra bolsa para o projeto. Desvinculei-me da monitoria ficando em meu lugar outro companheiro de turma, Janderlan. Desde então, faço parte do projeto desenvolvido por este docente, *Palmatória da saúde, estetoscópio da educação: leitura, circulação e recepção dos discursos médico – pedagógicos na Parahyba (1919-1945)*. Projeto, aliás, que só tem me dado alegrias, por adquirir conhecimento junto a Iranilson, Leonardo e Maxsuel, este último ingressante como voluntário.

Temos aprendido nesse pouco mais de um ano muito acerca do campo da *História da Saúde e da Doença* e de seu subcampo a *História das Práticas e Discursos Médicos*, na qual se inseri nossa pesquisa; a respeito do contexto que trabalhamos, sobre os conceitos, o proceder na pesquisa, na produção de artigos, preferencialmente publicados em revistas; sobre as possibilidades de pesquisas que podem ser empreendidas, o que me permitiu compor um novo tema para a monografia e, por conseguinte, produzir um projeto para o mestrado.

O projeto de pesquisa, desse modo, possibilitou-me perceber a carência de estudos no campo da história concernentes a infância na relação saúde/doença, instigando-me a pesquisar e tecer sobre, tanto na monografia, quanto no projeto de mestrado. Destarte, a monografia intitulada *Criar a criança é uma ciência? Representações da infância na Literatura Médico-Pediátrica no I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância – Rio de Janeiro – 1922*, analiso as representações que a Pediatria brasileira em processo de consolidação lança no referido evento acerca da infância, no intuito de difundir, de modificar a forma de senti-la, compreendê-la e, por conseguinte, criá-la, desmistificando a naturalidade que seus cuidados e percepções que hoje se tem como

resultantes dessas construções sócio culturais.

Pesquisa que pretendo dar continuidade com o projeto que venho elaborado para o mestrado, porém direcionando meu olhar para nossa terra, a Paraíba. Para além disso, o projeto de pesquisa junto ao CNPq, também me permitiu trabalhar com os já mencionados Leonardo e Max, meus companheiros, tanto de projeto quanto de turma, amigos verdadeiros que me ensinaram cotidianamente como ser uma historiadora. A que sou grata, meus amigos, pela paciência comigo, pelos ensinamentos, pelo companheirismo, nas horas alegres e tristes, pelos risos e descontrações nas viagens, nas produções de artigos, nas apresentações, nas leituras e demais atividades do projeto, momentos felizes, marcantes pelo qual só tenho gosto em lembrar.

Portanto, em forma de agradecimento, por ter-me proporcionado tudo isso, ao meu querido orientador Iranilson Buriti, pela credibilidade, pela confiança a que me foi depositada ao permitir-me fazer parte do seu seletivo grupo de pesquisadores e bolsistas do CNPq. Por ter me ajudado no trilhar do caminho da difícil escolha do tema para pesquisar que resultou e tem resultado no projeto que estou empreendendo. Por ter guiado a mim e a meus colegas de projeto, em todas as atividades que só nos tem proporcionando aprender. Pelas suas orientações, seus conselhos, pelas motivações, risos e pressões, no intuito de moldar a mim e a meus colegas, nos melhorar enquanto futuros profissionais e indivíduos.

Também na forma de agradecimentos gostaria de mencionar nessa escrita de si, marcante nessa vivência acadêmica, todos os momentos vivenciados com os membros da turma história 2007.2, sejam estes felizes ou tristes, vividos, ridos, chorados, passadas nas noites, nas tardes no cursar das disciplinas, nas conversas do Ca, na pracinha, nas lanchonetes e na frente da universidade. As discussões políticas e feministas com Jan, Leo, Pedro e Bele; as fofocas com Ana, Ani, Darli e Bele, os papos com Elizabeth, Priscila, Nete, Susane, Sara, Eliane, Patrícia, Vanilma, João, Eduardo, Lucas, Jakeline, Max, Regina e Ítalo. Por todos os risos, que foram muitos nas aulas, seminários e filmes. Pelas saídas, nas pizarias e viagens.

Acima de tudo pela força, pela motivação, sobretudo recebida de Ana, Ani, Izabelle, Darli, Janaína, Pedro, Leo, Max e Jan, nesse momento tão difícil de conclusão de curso, na produção da monografia, na produção do projeto

para o mestrado, os conselhos, as correções. A motivação, ainda, no estágio, da mesma forma me ajudando no proceder da turma, alguns me aconselhando por serem já experientes professores. Prática, aliás, fundamental no meu primeiro contato para com a escola, para com os alunos, no conhecer da realidade social do contexto escolar, perceber seus entraves, as suas compatibilidades com o meu aprendizado acadêmico, a construir um novo olhar para com profissão que escolhi menos idealizado, porém otimista por saber ser possível fazer da história um conteúdo a ser melhor recepcionado nas escolas. Dessa maneira, agradeço a professora Nilda Câmara da Prática de Ensino e ao estagiário, Janailson, pela prática docente, pelas aulas, conselhos, dicas e orientações.

Por fim, gostaria de encerrar essa escrita de si, rememorando uma história triste. Triste, porém, apenas pela saudade. No presente ano, um amigo nosso muito querido se foi. A sua morte precoce, todavia, apesar da tristeza deixada pela sua ausência dada sua presença marcante na vida minha e de meus colegas, me ensinou o quanto devemos valorizar as pessoas que amamos e nos relacionamos, a dar importância a tudo que vivemos.

Para além da morte triste de ser rememorada, você Ítalo, deixou muito mais que isso. Deixou em cada um de nós momentos felizes, agradáveis de serem lembrados e sentidos. Junto a você e todos que compõem a turma de história 2007.2, aprendi a ser uma pessoa mais humana, humilde, cúmplice, parceira, amiga. Cresci, igualmente, intelectualmente, a ler, de forma crítica o mundo a minha volta, a escrever melhor, falar melhor. O mundo para mim em todos os seus aspectos, não é mais percebido como outrora, e isso devo a cada uma das pessoas que passaram pela minha vida acadêmica, a todos que fazem esse curso acontecer, no qual incluo você, Ítalo Vinicius, pois está gravado em minha memória suas falas, seu amor pela história, seu desejo em se fincar nela como pesquisador apaixonado. Como diz Vinicius de Moraes, de coração espero continuar a ter todos vocês, meus amigos, sempre comigo, apesar de no seu caso, apenas a presença em lembrança.

Referências:

GOMES, A. M. C. (Org.) ; SCHMIDT, B. B. (Org.) . **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. 1. ed. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Ed. FGV/Ed. UFRGS, 2009. v. 1. 278 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 8 ed. – Rio de Janeiro: D&A, 2003.

Site consultado:

http://pensador.uol.com.br/autor/vinicius_de_moraes/. Acesso 1 outubro 2011.